

A DINÂMICA DOS DONS E A UNIDADE ESPIRITUAL NA IGREJA: A PNEUMATOLOGIA PAULINA A PARTIR DA PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Eliabe Lima Caraúba¹²⁶

Michell Platinir Silva Damasceno¹²⁷

RESUMO

Este artigo investiga a pneumatologia paulina a partir de 1 Coríntios 12–14, com foco na compreensão e prática dos dons espirituais (carismas) na comunidade cristã primitiva. Partindo da análise exegética e teológica da seção, argumenta-se que Paulo compreende os dons como manifestações soberanas do Espírito Santo, cuja finalidade é a edificação da Igreja e a glorificação de Cristo, e não a promoção de prestígio individual. A pesquisa evidencia que, diante das distorções vividas pela igreja de Corinto, o apóstolo estabelece critérios teológicos e pastorais claros, destacando a unidade na diversidade dos dons e o amor (ágape) como princípio regulador da vida espiritual. Conclui-se que a espiritualidade autêntica, segundo Paulo, é marcada por ordem, maturidade e compromisso com a missão da comunidade cristã no mundo. A reflexão proposta contribui para uma leitura atualizada da pneumatologia neotestamentária e para o discernimento do exercício dos dons espirituais nas igrejas.

Palavras-chave: Pneumatologia; Paulo; Dons espirituais; 1 Coríntios; Igreja primitiva.

ABSTRACT

This article investigates Pauline pneumatology based on 1 Corinthians 12–14, focusing on the understanding and practice of spiritual gifts (charisms) in the early Christian community. Based on the exegetical and theological analysis of the section, it is argued that Paul understands the gifts as sovereign manifestations

¹²⁶ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); E-mail: eliabe.lima@aluno.uece.br.

¹²⁷ Doutorando em Filosofia (UnB); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

of the Holy Spirit, whose purpose is the edification of the Church and the glorification of Christ, and not the promotion of individual prestige. The research shows that, in the face of the distortions experienced by the church of Corinth, the apostle establishes clear theological and pastoral criteria, highlighting unity in the diversity of gifts and love (agape) as the regulating principle of spiritual life. It is concluded that authentic spirituality, according to Paul, is marked by order, maturity and commitment to the mission of the Christian community in the world. The proposed reflection contributes to an updated reading of New Testament pneumatology and to the discernment of the exercise of spiritual gifts in churches.

Keywords: Pneumatology; Paul; Spiritual gifts; 1 Corinthians; Early Church.

INTRODUÇÃO

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios apresenta um dos retratos mais vívidos e profundos da ação do Espírito Santo na vida da Igreja. Em meio a desafios pastorais concretos e situações complexas vividas pela comunidade cristã de Corinto, o apóstolo se detém com especial cuidado sobre a temática dos dons espirituais, os carismas, revelando não apenas sua teologia do Espírito, mas também os critérios que devem nortear a vivência e o exercício desses dons no corpo de Cristo.

Para Paulo, os dons não são meras manifestações extraordinárias, tampouco sinais de prestígio individual, mas dádivas concedidas soberanamente pelo Espírito, com o propósito claro de glorificar a Cristo e edificar a comunidade. O apóstolo esclarece que o mesmo Espírito distribui diferentes dons a cada membro, conforme sua vontade, mostrando que, embora haja diversidade de manifestações, há uma unidade fundamental em sua origem e propósito. Assim, o uso dos dons espirituais deve sempre estar orientado por dois princípios centrais: a exaltação do nome de Jesus e o exercício do amor fraterno.

A igreja de Corinto, embora rica em manifestações carismáticas, enfrentava sérios desvios na compreensão e prática desses dons. Paulo, então,

ensina que a verdadeira ação do Espírito não conduz à confusão ou à exaltação pessoal, mas promove ordem, edificação mútua e maturidade espiritual. Ele apresenta, como critério essencial, o amor (ágape) como caminho mais excelente, regulador de toda experiência espiritual autêntica.

Ao longo da carta, especialmente nos capítulos 12 a 14, o apóstolo se dedica a instruir a igreja sobre a correta compreensão de dons como profecia e línguas, estabelecendo parâmetros teológicos e pastorais para sua prática. Sua abordagem não apenas corrige distorções, mas também aponta para o ideal cristão de uma igreja viva, conduzida pelo Espírito e comprometida com sua missão no mundo.

Este estudo, portanto, propõe uma reflexão ampla sobre a pneumatologia paulina, a partir de 1 Coríntios, destacando como os dons espirituais revelam a ação graciosa de Deus em meio ao seu povo, orientando a vida e a missão da Igreja. A caminhada espiritual dos crentes, desde suas experiências interiores até o testemunho coletivo, deve estar sempre subordinada à direção do Espírito Santo, que atua para glorificar a Cristo e construir uma comunidade unida, madura e santa.

1. A OUTORGA DOS DONS ESPIRITUAIS

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios ocupa lugar de destaque no Novo Testamento por apresentar uma das abordagens mais detalhadas e teologicamente ricas sobre a atuação do Espírito Santo na vida da igreja. Nessa epístola, o apóstolo desenvolve uma pneumatologia pastoral, tratando com profundidade da presença e da ação do Espírito nas dinâmicas comunitárias, especialmente por meio dos dons espirituais. A importância crescente do tema nas cartas paulinas reflete não apenas uma construção doutrinária, mas uma experiência vivida pelas primeiras comunidades cristãs.

Como observa Grudem, “a presença evidente da condução do Espírito nas comunidades cristãs faz com que este tema seja cada vez mais destacado em suas cartas às igrejas”¹²⁸. Esse destaque não surge de uma especulação teológica abstrata, mas da constatação de que a vida eclesial estava marcada por sinais claros da imanência divina, percebidos no culto, na comunhão e no serviço.

Nesse sentido, a teologia de Paulo sobre o Espírito é inseparável da vida concreta da igreja. Como afirma Hernandes Dias Lopes, ao refletir sobre a identidade da igreja como povo chamado por Deus, ecoando as palavras de Edmund Clowney: “A igreja é o povo chamado por Deus para experimentar e manifestar a presença do Espírito no mundo, como corpo de Cristo e templo do Espírito”¹²⁹.

Um dos objetivos fundamentais dessa carta é oferecer diretrizes a respeito dos dons espirituais — realidade vivida intensamente pela igreja de Corinto. Paulo procura esclarecer o propósito e o uso correto dos dons, também chamados de carismas, os quais foram abundantemente concedidos àquela comunidade. Isso é evidenciado logo no início da epístola, quando ele afirma:

[...] Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento. Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que nenhum dom vos falte, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo.¹³⁰

O apóstolo estabelece que a outorga dos dons espirituais é uma ação soberana do Espírito Santo, que distribui a cada membro da comunidade conforme Sua vontade. A variedade de dons é ampla, mas todos têm origem no mesmo Espírito, que age com liberdade e intencionalidade:

¹²⁸ GRUDEM, Wayne; PURSWELL, Jeff (Ed.). Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã. São Paulo: Vida, 2001, p. 117

¹²⁹ CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. (Série Teologia Cristã Contemporânea). apud LOPES, 2006, p. 45

¹³⁰ 1Cor 1,5-7 – BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 1994

A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fê; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz. (1Cor 12.8-11).

A atuação do Espírito, no entanto, não se manifesta de forma desordenada ou aleatória. Paulo oferece dois critérios fundamentais para a validação e a finalidade dos dons. O primeiro diz respeito à exaltação de Cristo: toda manifestação espiritual autêntica deve conduzir à glorificação do Senhor. Giuseppe Barbaglio destaca esse aspecto ao afirmar que “a primeira é o uso dos dons para a glorificação do nome de Cristo. Este se constitui no primeiro critério de avaliação que deve ser usado para verificar os carismas”.¹³¹

O segundo critério, segundo o próprio Paulo, está fundamentado no amor cristão. No capítulo 13, o apóstolo insere uma digressão teológica sobre o dom supremo — o ágape — apresentando-o como o caminho “ainda mais excelente” (1Cor 12.31). Essa ênfase aponta para a centralidade do amor como princípio regulador das manifestações espirituais. Wayne Grudem dá uma bela contribuição para nós, ele diz:

Paulo não está com isso aconselhando que a igreja desista da busca dos dons espirituais; pelo contrário, deseja mostrar que os dons espirituais devem ser buscados sem perder de perspectiva o caminho do amor. Nesse aspecto, Barbaglio faz afirmações incisivas no sentido de condicionar o potencial construtivo das manifestações carismáticas do Espírito ao impulso do ágape, levando os cristãos a se interessar pelo crescimento e bem-estar do outro. Tudo que não seja voltado

¹³¹ BARBAGLIO, Giuseppe. *1-2 Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 162,

para a glória de Cristo e para o amor pelo outro, não procede do Espírito.¹³²

Diante do exposto, a legitimidade dos dons está vinculada ao seu potencial construtivo, ou seja, à edificação do corpo de Cristo e ao benefício mútuo entre os crentes; contudo, quando desvinculadas do amor e da glória de Cristo, tais manifestações não podem ser consideradas autênticas expressões do Espírito. Portanto, o estudo da pneumatologia paulina em 1 Coríntios revela não apenas a riqueza dos dons espirituais, mas também sua orientação teológica, ética e pastoral. Dessa forma, os carismas, enquanto dádivas divinas, são instrumentos para a glorificação de Cristo e para a edificação da igreja, devendo ser exercidos sob a direção do amor.

No próximo capítulo, será abordada a importância da subordinação da vida comunitária e do exercício dos dons espirituais à liderança e ao direcionamento do Espírito. Serão analisados os princípios que garantem que a atuação do Espírito na igreja ocorra de forma ordenada e eficaz, cumprindo assim seu propósito edificador para o corpo de Cristo.

2. A ORIENTAÇÃO DA IGREJA SOB A DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Inicialmente, os aspectos comportamentais relacionados à vivência dos carismas na igreja de Corinto constituíram os principais fatores que motivaram o apóstolo Paulo a tratar desse tema em sua primeira carta aos coríntios. O teólogo Mezzabora destaca, com precisão e profundidade, que Paulo foi enfático ao lembrar os membros da igreja sobre suas origens e os perigos de reproduzirem, no ambiente cristão, práticas carismáticas semelhantes às experiências pagãs das quais procediam:

¹³² GRUDEM, 2001, p 125.

Ele é claro e enfático em seu primeiro alerta aos membros da igreja, lembrando-lhes suas origens e os riscos de estarem vivendo suas experiências com os carismas na igreja pautados na forma como viviam experiências equivalentes na vida pagã da qual procediam.¹³³

Ademais, esse alerta é ilustrado por episódios específicos relatados na carta, como o caso daqueles que, ao falar em línguas sem compreender o significado, proferiam expressões como “Jesus é anátema”. Tal comportamento evidencia o risco de se assumir que todas as manifestações extáticas procedem necessariamente do Espírito Santo. Nesse sentido, a reflexão de Barbaglio reforça que a forma externa dessas manifestações não assegura sua autenticidade espiritual. Conforme expresso por Grellmann:

Ser movido por um impulso interno irresistível e arrebatador, experimentar sensações extraordinárias, abandonar um nível de racionalidade e se entregar a um nível fora do racional, não implica estar sendo movido pelo Espírito Santo. Ademais, sempre essa inspiração autêntica deve conduzir a Cristo.¹³⁴

Além disso, entende-se aqui que a subordinação ao Espírito Santo se refere à sujeição voluntária e consciente do crente à sua direção, sendo o Espírito quem detém o controle da experiência espiritual. Dois aspectos fundamentais devem ser observados no que tange à atuação do Espírito: primeiro, sua ação no íntimo do crente; segundo, sua manifestação na comunhão entre os membros da igreja. No que concerne ao primeiro aspecto, a verdadeira atuação do Espírito no interior do crente é evidenciada pelo “fruto do Espírito”, conforme descrito em Gálatas 5.22-23, “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência,

¹³³ MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. *Manual da metodologia da pesquisa no direito*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 55.

¹³⁴ GRELLMANN, Hélio L.; LESSA, Rubens S. (Ed.). *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 188.

amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”.¹³⁵

Ademais, o domínio próprio destaca-se como elemento essencial que capacita o fiel a manter-se deliberada e propositalmente sob a orientação do Espírito, evitando perder o controle de si mesmo em experiências extáticas. Em outras palavras, quando o Espírito atua, o cristão preserva sua racionalidade e autocontrole, pois é Jesus quem governa a manifestação espiritual. Qualquer manifestação que prive o indivíduo desse controle certamente não procede de Deus, como ressalta Warren:

Quanto ao segundo aspecto, à comunhão, a questão se volta para a vivência dos dons espirituais, sob sujeição do Espírito, naquilo que é a forma de desenvolver os relacionamentos entres os crentes no seio da igreja. Esta questão será abordada na sequência deste trabalho quando se tocar no assunto do uso dos dons com ordem para edificação.¹³⁶

Por fim, no que diz respeito ao segundo aspecto, relacionado à comunhão, o foco recai sobre a prática dos dons espirituais dentro da comunidade cristã, enfatizando que seu exercício deve estar subordinado à direção do Espírito Santo para promover relacionamentos saudáveis e a edificação mútua. Essa dimensão será aprofundada na sequência deste estudo, quando será tratado o uso ordenado dos dons espirituais para a construção do corpo de Cristo (WIERSBE, 2007, p. 88).

3. A RELEVÂNCIA TEOLÓGICA DOS DONS DE LÍNGUAS E PROFECIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

¹³⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2037.

¹³⁶ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol 2. Santo André: Geográfica, 2007, p. 88.

Dando continuidade à análise da pneumatologia paulina, observa-se que, nos capítulos 12 e 14 da Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo aprofunda, de maneira sistemática e abrangente, a temática da manifestação dos dons espirituais no contexto da vida comunitária. Nesse sentido, o autor sagrado apresenta uma diversidade de carismas distribuídos entre os crentes, conforme a soberana vontade do Espírito Santo, e esclarece os critérios e os propósitos que orientam essa concessão divina.

Considerando que a principal motivação paulina ao escrever sobre os dons espirituais a essa comunidade era corrigir práticas equivocadas em sua vivência, este capítulo concentra-se nos dons de línguas e de profecia, seguindo, inclusive, a ênfase oferecida pelo próprio apóstolo ao tratar dessas manifestações específicas.

Para compreender adequadamente a orientação de Paulo, é necessário, inicialmente, delinear as características fundamentais de cada dom. Em relação ao dom de línguas, o próprio texto bíblico fornece elementos importantes para sua definição: “Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios.” (1Co 14.2). Nas palavras de Rinaldo Fabris:

Em outras palavras, o cristão que fala em línguas fala com Deus, louvando-o e adorando-o. Isso ocorre devido ao fato de ter recebido essa aptidão do próprio Espírito, embora o crente fale em uma língua que não conhece. Isso mostra a realidade de que o propósito deste dom não é ganhar almas, mas edificar os salvos.¹³⁷

Quanto ao dom da profecia, o apóstolo igualmente oferece uma definição clara e direta: “Mas o que profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens.” (1Co 14.3). Nota-se, portanto, que a profecia, ao

¹³⁷ FABRIS, Rinaldo. *Primeira carta de Paulo aos Coríntios*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987, p. 98.

contrário do dom de línguas, opera de modo inteligível, visando à edificação coletiva, o que a torna especialmente relevante no contexto do culto público.

Além da caracterização dos dons, Paulo avança ao recomendar, enfaticamente, a busca pelos dons mais úteis à edificação do corpo. Ele afirma: “Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons” (1Co 12.31), e acrescenta: “Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (1Co 14.1). Tais exortações poderiam, à primeira vista, parecer contraditórias, já que o mesmo apóstolo afirma que os dons são distribuídos pelo Espírito “a cada um, como quer” (1Co 12.11), e que nem todos recebem os mesmos dons. (FABRI, 1987, p. 112) ajuda a elucidar essa aparente tensão “parece que a chave para desfazer esta contradição está no entendimento de que, para Paulo, ninguém era mais importante que ninguém pelo fato de ter sido agraciado com um ou com outro dom”.

Em outras palavras, a distinção entre os dons não visa estabelecer hierarquias entre os crentes, mas sim orientar o exercício ministerial em direção à edificação comum. Isso é particularmente relevante no contexto de Corinto, onde se verificavam atitudes de vaidade e competitividade no uso dos dons, especialmente o de línguas.

Com essas bases estabelecidas, é possível compreender melhor as comparações feitas por Paulo entre os dois dons. Em primeiro lugar, torna-se evidente que o dom da profecia figura entre os dons mais relevantes, por sua capacidade de comunicar a mensagem divina de forma inteligível e eficaz. Em segundo lugar, Paulo declara explicitamente que a profecia é superior ao dom de línguas no contexto do culto coletivo, pois este último, quando não interpretado, torna-se ininteligível para os demais membros da comunidade.

Essa linha de argumentação é reforçada por Barbaglio, que destaca a orientação pastoral de Paulo ao priorizar aquilo que promove a edificação comum:

Pelo fato de ser o crescimento comum, a harmonia dos crentes e o progresso espiritual da comunidade toda, a grande preocupação de Paulo, o apóstolo decididamente mostra sua preferência pelo dom da profecia.¹³⁸

O mesmo autor observa que, enquanto o dom de línguas pode se manifestar por meio de expressões inarticuladas e incompreensíveis à comunidade, tornando-se estéril e ineficaz, a profecia, por outro lado, é dotada de clareza e compreensibilidade, sendo capaz de provocar resposta, encorajamento e transformação nos ouvintes.

Dessa maneira, a análise paulina sobre esses dons aponta para um princípio fundamental: os carismas devem estar a serviço do corpo de Cristo, sendo guiados pela inteligibilidade, pela edificação mútua e, sobretudo, pelo amor. A centralidade da profecia nesse contexto reflete a preocupação apostólica com a maturidade espiritual da comunidade, sua ordem e coesão.

4. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA E A MISSÃO DA IGREJA

É inegável o vínculo profundo e dinâmico que existe entre o Espírito Santo e a Igreja. Desde os seus primórdios, a Igreja cristã foi concebida, sustentada e conduzida sob a influência direta do Espírito. A origem do termo “igreja” advém do grego *ekklesia*, junção das palavras *ek* (para fora) e *kaléo* (chamar), significando literalmente “os chamados para fora”. No Novo Testamento, *ekklesia* refere-se majoritariamente ao povo de Deus reunido em torno de Cristo, constituindo uma nova comunidade espiritual.

O primeiro registro do uso dessa expressão por Jesus ocorre em Mateus 16.18, quando Ele afirma: “Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Essa

¹³⁸ BARBAGLIO, 2013, p. 133.

declaração inaugura uma realidade escatológica: a constituição de uma comunidade cuja existência, propósito e perseverança estão fundamentados em Cristo, mas cuja administração é confiada ao Espírito Santo.

Com o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes (At 2), inaugura-se oficialmente a era da Igreja, caracterizada por sua dependência direta da ação do Espírito. Desde esse marco fundacional, a presença do Espírito passou a ser não apenas um sinal, mas o sustentáculo vital da nova comunidade cristã. Conforme observa Hawthorne:

Entre as ações do Espírito Santo com relação à Igreja, podemos dizer que é Ele quem a conforta (At 9.31), infunde o amor divino nos cristãos (Rm 5.5; Gl 1.4,8), guia e dirige os membros do Corpo de Cristo (Rm 8.26,27; At 10).¹³⁹

Além disso, o Espírito Santo exerce funções fundamentais e contínuas na vida do crente, selando-o como propriedade exclusiva de Deus “para o dia da redenção” (2Co 1.22; Ef 1.13-14; 4.30). Esse selo não é apenas um símbolo externo de pertencimento, mas uma garantia interna de que a obra redentora iniciada em Cristo será plenamente consumada no tempo escatológico. O selo do Espírito serve, portanto, como penhor da herança futura, assegurando ao crente a perseverança até o fim. Paralelamente, o Espírito atua como agente revelador das realidades espirituais profundas, tornando acessíveis aos fiéis os mistérios outrora ocultos da sabedoria divina. Conforme 1 Coríntios 2.9-14, é o Espírito quem perscruta todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus, e comunica aos regenerados aquilo que é incompreensível à mente natural. Através dessa ação reveladora, os crentes podem discernir espiritualmente a vontade de Deus, bem como crescer no entendimento das Escrituras e das verdades da fé cristã.

Ainda, é por meio do Espírito que o cristão experimenta verdadeira liberdade espiritual (2Co 3.17), libertando-se não apenas da escravidão do pecado,

¹³⁹ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G., (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola; Paulus; Vida Nova, 2008, p. 133.

mas também das imposições da letra da lei, passando a viver em uma nova dimensão de relacionamento com Deus baseada na graça e na condução interior. Por fim, é o Espírito quem reveste os discípulos com poder para o testemunho e para a missão (At 1.8; Lc 24.49; Rm 8.13). Esse poder não se refere apenas a manifestações extraordinárias, mas à capacitação cotidiana para viver uma vida santa, eficaz no serviço e corajosa na proclamação do evangelho. O Espírito, portanto, não apenas inicia a jornada do crente, mas a sustenta em todas as suas dimensões — teológica, ética, espiritual e missionária — até a consumação final em Cristo. Nesse mesmo sentido, o testemunho do Novo Testamento deixa claro que o Espírito não apenas guia os indivíduos, mas também ordena a estrutura eclesial. A liderança da Igreja, por exemplo, é estabelecida sob sua autoridade: “Cuidai, pois, de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele adquiriu com seu próprio sangue” (At 20.28). A eclesiologia neotestamentária, portanto, reconhece no Espírito o administrador divino da Igreja, responsável por sua integridade, vitalidade e missão.

Nesse processo contínuo, o Espírito Santo atua na Igreja em múltiplas dimensões. Primeiramente, no campo da administração, a formação das lideranças e a orientação nas decisões práticas são atribuídas diretamente ao Espírito (At 6.3; 20.28). Em segundo lugar, no âmbito da pregação, torna-se evidente que a eficácia da mensagem cristã não reside na eloquência humana, mas na ação capacitadora do Espírito, como afirma o apóstolo Paulo: “nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1.5).

Adicionalmente, a oração ocupa um lugar privilegiado na experiência comunitária, sendo profundamente marcada pela ação do Espírito. A epístola de Judas (v. 20) recomenda aos crentes que orem “no Espírito Santo”, o que implica uma disposição interior de rendição, humildade e devoção que transcende as

limitações humanas e conecta o fiel à vontade divina. A música e o louvor, por sua vez, também são influenciados pela plenitude do Espírito, conforme Efésios 5.18-19: “enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor”.

Outro aspecto essencial é o testemunho cristão, que se dá sob a unção e o poder do Espírito. O livro de Atos registra a missão apostólica sob essa capacitação: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (At 1.8). Essa unção transforma crentes comuns em proclamadores ousados da fé, sustentando a expansão do evangelho ao longo dos séculos.

A sobrevivência e o vigor espiritual da Igreja ao longo de dois milênios são testemunhos da contínua assistência do Espírito. Ele é o selo da nova criação, fazendo dos cristãos “concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2.19). A presença do Espírito não é um adorno ou um acessório da vida eclesial, mas sua marca definidora, sua fonte de identidade e missão.

Nesse contexto, Grellmann destaca que:

O Espírito Santo é o representante de Cristo a quem está entregue toda a administração da Igreja até a volta de Jesus. Cristo sentou-se no céu onde Deus sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da Igreja, e o Espírito desceu para começar a obra de edificar o Corpo de Cristo. O propósito final do Consolador é o aperfeiçoamento do Corpo de Cristo.¹⁴⁰

Diante disso, é possível afirmar que a Igreja permanece viva e operante apenas enquanto estiver submetida à direção do Espírito. Sua atuação é indispensável e insubstituível em todos os aspectos da vida cristã, desde a organização institucional até a edificação espiritual de cada membro. Em última

¹⁴⁰ GRELLMANN, 2003, p. 85.

análise, é Ele quem garante que a Igreja seja, de fato, a expressão visível do Reino de Deus no mundo.

CONCLUSÃO

A primeira carta do apóstolo Paulo à igreja de Corinto, especialmente nos capítulos 12 a 14, revela-se como um dos textos neotestamentários mais significativos no que diz respeito à pneumatologia prática, ou seja, à atuação concreta do Espírito Santo na vida da igreja. Dessa forma, o contexto da comunidade coríntia — marcada por divisões, disputas por prestígio espiritual e uso desordenado dos dons — serve como pano de fundo para a exposição paulina sobre a natureza, a finalidade e a correta administração dos carismas. Portanto, a análise desse trecho da epístola evidencia que o Espírito Santo opera de forma ordenada, intencional e edificadora, distribuindo dons de maneira soberana, visando sempre o bem comum e a unidade do corpo de Cristo.

Ademais, a partir do ensino paulino, compreende-se que os dons espirituais não são instrumentos de exaltação pessoal ou de distinção hierárquica dentro da comunidade de fé, mas expressões da multiforme graça de Deus (1 Pe 4.10), conferidas a cada membro para a mútua edificação. Assim, a diversidade de dons é, paradoxalmente, um meio de promover a unidade do corpo, à medida que todos se reconhecem interdependentes, vinculados pelo mesmo Espírito e direcionados a um único propósito: a edificação da igreja. De fato, a metáfora do corpo (1 Co 12.12-27) é particularmente eloquente ao reforçar a ideia de que a verdadeira espiritualidade se manifesta não na busca por status, mas na disposição em servir.

Outrossim, o capítulo 13, situado no coração da argumentação paulina, funciona como eixo teológico que dá sentido à prática carismática. Nesse sentido, o amor ágape, como critério último para o exercício dos dons, indica que, sem ele,

até mesmo manifestações extraordinárias do Espírito tornam-se vazias ou prejudiciais. Por conseguinte, o Espírito não atua de maneira arbitrária ou meramente espetacular, mas sempre em consonância com o caráter de Cristo, promovendo o amor, a paz e a edificação da comunidade. Em suma, a presença do amor como orientador do uso dos dons revela que o verdadeiro propósito da manifestação do Espírito é a construção de uma igreja unida e madura em Cristo.

Assim sendo, conclui-se que a igreja de Corinto serve como um importante exemplo negativo, evidenciando os perigos do uso inadequado dos dons espirituais e a prevalência de interesses pessoais sobre as necessidades coletivas. Portanto, para a igreja contemporânea, o ensino paulino continua sendo um guia indispensável para o exercício saudável e equilibrado da espiritualidade carismática, enfatizando sempre a centralidade do amor e a busca pela unidade no corpo de Cristo. Dessa maneira, o Espírito Santo se manifesta não apenas por meio dos dons, mas sobretudo por meio da transformação das relações comunitárias, conduzindo o povo de Deus a um contínuo processo de edificação, santificação e testemunho no mundo.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. *1-2 Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. (Série Teologia Cristã Contemporânea).

FABRIS, Rinaldo. *Primeira carta de Paulo aos Coríntios*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G., (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola; Paulus; Vida Nova, 2008.

- LOPES, Hernandes Dias. *A Igreja e o seu Ministério*. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LOPES, Hernandes Dias. *I Coríntios: como resolver conflitos na igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. *Manual da metodologia da pesquisa no direito*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009.
- GRELLMANN, Hélio L.; LESSA, Rubens S. (Ed.). *Nisto cremos: 27 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003).
- GRUDEM, Wayne; PURSWELL, Jeff (Ed.). *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol 2. Santo André: Geográfica, 2007.